

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS — FILÓLOGA —

“FILÓLOGA” é sem dúvida o epíteto que mais frequentemente qualifica a figura que hoje relembramos e homenageamos. “Filóloga” seria certamente o nome que Dona Carolina acharia adequado para se apresentar perante os seus contemporâneos. Nessa altura a designação de linguista não tinha ainda entrado no catálogo das profissões e, de qualquer modo, seria um termo desadequado para significar a amplitude do seu desempenho académico e científico. Se porventura hoje nos fosse dado o privilégio de termos a insigne Mestra entre nós, não custa imaginar que ela continuaria a dizer-se “filóloga”, ainda que nos meios da comunicação social se insistisse em atribuir-lhe o título de linguista, porque se ignora cada vez mais a dimensão semântica e a ressonância cultural e até artística dessa antiquíssima ciência que é a Filologia. O termo é grego, e traduzem-no, os dicionários, por “gosto pela literatura ou pela erudição”, mas tem um sentido muito mais abrangente, que se desenvolve no âmbito do exercício da escrita e da salvaguarda da memória textual. A palavra escrita é percebida e executada como a grande descoberta para a superação do efémero e do transitório. Observa-se uma fascinante vizinhança entre o alvorecer da Filologia e o enunciado de S. João, no primeiro versículo do seu *Evangelho* “In principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum et Deus erat Verbum” (I.1:1)

Marciano Capela, (Martianus Capella) no início do século V escreveu uma elaborada alegoria com o título *De nuptiis Mercurii et Philologiae* em que Mercúrio, sob conselho de Apolo, desejando casar-se, toma para noiva a Filologia, porque os próprios deuses a consideravam expressão da máxima beleza. A Filologia era a instância de toda a sabedoria humana, e por isso, na procissão do seu faustoso casamento seria acompanhada pelas sete Artes Liberais.

A Filologia foi recuperada como um grande ramo científico na estruturação universitária positivista e pós-romântica, dando lugar a vários cursos e mesmo Faculdades de Filologia. No tempo de Dona Carolina as Filologias, estavam já compartimentadas por grupos de línguas e de culturas, correspondendo a uma

epistemologia fortemente motivada pela gramática comparada, que tinha nos irmãos Friedrich Schlegel (1772-1829) e August Schlegel (1767-1845) e sobretudo em Franz Bopp (1791-1861) as figuras emblemáticas da sua iniciação e teorização. Ao longo do séc. XIX são publicadas numerosas gramáticas comparadas por estudiosos das línguas clássicas, por germanistas e romanistas, com destaque, neste caso, para Friedrich Diez (1794-1836) cuja obra, *Grammatik der romanischen Sprachen*, I-II, 1836-1844, 5ª. ed. 1882 — (versão francesa *Grammaire des langues romanes*, 1836-38) exerceu uma repercutida influência na formação de Dona Carolina e foi um verdadeiro acontecimento científico e cultural na história da Europa do século XIX.

Além de Diez e, de um modo geral da escola filológica alemã, convergem na obra de Dona Carolina a doutrina positivista, sobretudo como método de rigor e de objectividade, e a lição de Karl Wilhelm Humboldt (1767-1835) que ensinava a compreender as línguas como um facto de civilização, como o génio de um povo (a ele se deve afinal o enunciado de que “a língua é a pátria” que Eça de Queirós e Fernando Pessoa retomariam).

A língua como pátria e como objecto de identificação nacional, como antiga e espontânea criação dos “diversos génios nacionais” está presente em muitas reflexões da nossa Mestra. Numa das suas mais conhecidas publicações, *A saudade portuguesa*, escreve: “A língua é base, e é a mais genial, a mais original e nacional obra de arte que cada nação cria e desenvolve” 2ª. ed. 1922, p.52 (1ª. 1914) É bem possível que Fernando Pessoa tivesse conhecido este e outros textos de Dona Carolina.

Naquele tempo (que não é ainda assim tão distante), a Filologia incorporava pelo menos três domínios disciplinares: o estudo da história literária; a crítica textual; e a reflexão metalinguística, especialmente a linguística histórica. Três áreas de discurso académico que se foram autonomizando, na primeira metade do século XX, e que a nossa obcecada especialização considera distintas pelo seu objecto científico e pelas opções metodológicas. Na obra de Dona Carolina, porém, todos estes domínios de conhecimento eram coalescentes numa universalidade de saber e de fruição artística e cultural. Sobre todos eles produziu trabalhos inovadores cheios de erudição e de informação pertinente.

No âmbito da história literária, devemos-lhe a recuperação e o esclarecimento biobibliográfico do património literário medieval. Foi ela que desfez o densíssimo nevoeiro que se instalou na memória literária portuguesa medieval. Quem lê o *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* publicado por Almeida Garrett em 1826, no *Parnaso Lusitano*, dá-se conta do “buraco negro” que marcou durante muito tempo as origens da nossa história literária.

Depois de vários séculos de um desconhecimento totalmente opaco (havia alguns “vagos boatos literários” a respeito da época de D. Dinis – diz Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, 1), o longo processo de clarificação da génese da literatura medieval portuguesa, é sistematizado pela insigne Mestra, numa exposição diacrónica que preenche a primeira centena de páginas do 2.º vol. da edição do Cancioneiro da Ajuda. Nela se analisam oitenta e quatro títulos, desde as *Memórias da Poesia em Portugal, com uma breve noticia de dous Cancioneiros até agora desconhecidos*, publicadas por António Ribeiro dos Santos, em 1818, até ao breve estudo de 8 páginas de Fr. Hanssen, *Ueber die portugiesischen Minnesänger* publicado em 1899.

Para além do estudo da lírica trovadoresca, Carolina Michaëlis elaborou também sínteses históricas da literária portuguesa, especialmente da Idade Média e do Renascimento, que foram publicadas no estrangeiro e que deram ao património literário português a possibilidade de transpor a barreira do nosso pequeno rectângulo. Além da colaboração em publicações alemãs, especialmente no *Grundriss der Romanischen Philologie* (“Geschichte der Portugiesischen Literatur” von Carolina Michaëlis und Theophilo Braga, II. Band, 2. Abteilung. Strassburg (Trübner), 1897, p.129-382. Trad. incompleta (?) de Alfonso Hincker em *O Instituto*, XLVII (1900).) de Gustav Gröber, Escreveu o artigo “Littérature portugaise” de *La Grande Encyclopédie* (XXVII, 1900, 394-7) e posteriormente a “Literatura antiga portuguesa” na *Universal Anthology* de Nova York, correspondente ao vol. VII da *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* publicada também em Lisboa, no Rio, em São Paulo, em Londres e em Paris, em 1913 (p.3081-3100).

Bem a este propósito, dizia Joaquim de Carvalho, um dos seus mais ilustres discípulos: “Pela sua pena, Portugal e o génio literário português adquiriram direitos de cidadania nos meios cultos europeus, especialmente alemães...” (no elogio fúnebre, publicado em *Lusitania*, Vol. IV, X, Out., 1927, p.136). E poderemos acrescentar que essa divulgação não se quedou pelos limites da sua obra, multiplicou-se, a partir dela muitos outros lusófilos, por ela motivados, prolongaram no estrangeiro o estudo de valores literários portugueses que os próprios nativos iam descuidando.

Mais importante do que o seu contributo para a notícia histórica da literatura portuguesa, foi o seu enorme labor de leitura e recuperação ecdótica do texto antigo medieval e clássico. O trabalho de crítica filológica, investido na fixação, interpretação e publicação de textos, renovou a memória literária portuguesa e, além disso, recuperou a memória linguística com o rigor e a autenticidade das fontes. Dona Carolina trabalhava sobre os originais ou sobre reproduções fac-

símil, que era naquele tempo uma técnica nova e pouco acessível. Actualmente, sendo embora uma técnica banalizada é ainda insuficientemente aproveitada. Nisto como em outros exemplos, a lição de Dona Carolina mereceria terreno mais fértil.

O esforço de saneamento textual promovido pela diligente filóloga veio em momento particularmente oportuno. O nosso património textual encontrava-se desprezado e maltratado. A obra de Camões, por exemplo, até à intervenção de Storck, que partilhou com a nossa autora esse esforço de rigorosa releitura, era transmitida e editada com um indolente desrespeito pela sua autenticidade.

Vale a pena relembrar, a propósito, o testemunho de José Maria Rodrigues, num interessante texto que tem por título “D. Carolina Michaëlis e os estudos camonianos” (publicado in *Lusitânia*, vol.IV, X, outubro, 1927, p.45-60):

“Neste deplorável estado, cujas causas são francamente apontadas, se achavam as *Rimas* de Camões, três séculos depois do seu falecimento. Entre elas figuravam composições dos seguintes autores (sirvo-me da lista organizada por D. Carolina Michaëlis): Garcí Sanchez de Badajoz, Garcia de Resende, Garcilaso de la Vega, Jorge de Montemor, Sá de Miranda, Diogo Bernardes (Nota- Este, só por si, forneceu aos editores de Camões onze redondilhas, vinte e um sonetos, cinco églogas, duas elegias e as oitavas a Santa Úrsula.), Miguel Leitão de Andrade, André Falcão de Resende, António Ferreira, Soropita, B(ernardo) R(odrigues) ou B(ernardim) R(ibeiro), Francisco de Figueiroa, Vasco Mousinho de Quevedo, Fr. Bernardo de Brito, Baltasar Estaço, Estêvão Rodrigues de Castro, Francisco Galvão, D. Manuel de Portugal, Jorge Fernandes, Francisco de Andrade, o infante D. Luís, Martim de Castro, Simão da Silveira, Luís Álvares Pereira, Aires Pinhel, Marquês de Astorga, Pedro da Cunha ou Luís de Ataíde, Álvaro Vaz, conde de Vimioso, duque de Aveiro, Valentim da Silva e ainda alguns anónimos.

O desleixo e a ignorância chegaram a ponto de se terem atribuído a Camões poesias que já corriam impressas antes de ele ter nascido! É o que acontece com três redondilhas de Garcia de Resende, que, publicadas no *Cancioneiro geral* (1516), ainda são atribuídas a Camões, por exemplo, na “edição crítica” do Dr. T. Braga. São as que começam pelos versos: a) *Pois é mais vosso que meu*; b) *Senhora, pois minha vida*; c) *Esperai, já não espero*.” (p.51)

José Maria Rodrigues transcreve em seguida uma outra observação de Carolina Michaëlis (*Estudos camonianos. I. O Cancioneiro Fernandes Tomás*. Índices, nótulas e textos inéditos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p.78-79), em que se anota a mesma incoerência editorial a respeito de um texto incontestadamente atribuído a António Ferreira, a *Carta I a D. Sebastião*, publicada nos *Poemas Lusitanos* em 1598. Setenta anos mais tarde, em 1668, esse texto foi indevidamente publicado, por Álvares da Cunha, como sendo de Camões, incluído na 3ª. parte das *Rimas*, e depois outros editores repetiram o erro. Sobre este mesmo texto,

Teófilo Braga, tendo já informação do seu verdadeiro autor, (diz Dona Carolina) “fez suposições gratuitas sobre o autor *desconhecido* (!), afirmando que aquela linguagem máscula, setenciosa e vibrantemente poética *só a possuía Camões!*”

Situa-se neste domínio propriamente filológico a parte mais importante, em extensão e informação inovadora, da obra de Carolina Michaëlis. Ninguém, nem antes, nem depois dela, nos estudos portugueses, revelou tanta capacidade de argúcia, de minúcia e de sensibilidade em relação ao texto antigo português. A qualidade filológica e a fundamentação erudita dos seus trabalhos são dificilmente superáveis. Com toda a razão, o alemão Storck, sem perder o espírito de acribia manifestado nos estudos camonianos, dizia que D. Carolina, (andava ela então pelos 40 anos), era a mulher mais douta do seu tempo.

Não podemos deixar de sentir essa mesma admiração quando relemos hoje a maior parte dos seus escritos. As nótulas de interpretação iluminam as palavras e redescobrem sentidos esquecidos e inesperados. Nomes simples e vulgares ou referências quotidianas ganham nos seus comentários uma dimensão nova, uma sugestão de humor, uma cintilação de espírito, de graça e de gosto de viver que tornam a poesia e a memória antiga em geral, um lugar de leitura gratificante e de verdadeiro passeio intelectual. Ela tem apontamentos eruditos que mereciam um lugar nas antologias das nossas escolas. Lembramos, por exemplo, as muitas notas etimológicas que foi divulgando na *Revista Lusitana* e em outras publicações (Cf. *Dispersos* – Originais portuguesas. II Linguística, Lisboa, 1970). As histórias de palavras e de algumas expressões são, na obra da nossa Mestra, oportunidades para uma cultivada comunicação de ciência e de fruição literária. Recordamos o texto sobre as lexicalizações comuns de “gonçalves” e “mendes” do vilancete de Camões que começa: “Com vossos olhos gonçalves, / Senhora, captivo tendes / este meu coração mendes” ou ainda, entre muitos outros, o breve excuro sobre o enunciado proverbial “Dizer de alguém cobras e lagartos” que, nas sete páginas que lhe dedica, redescobre uma significação e uma ressonância histórico-literárias totalmente inapercebidas no discurso quotidiano.

Sob o ponto de vista linguístico a obra de Carolina Michaëlis é verdadeiramente preciosa. Não tem a sistematicidade nem a abrangência gramatical da obra de outros autores do seu tempo, no estrangeiro e em Portugal, mas acrescenta ao saber linguístico histórico, informações únicas, originais e imprescindíveis para o acesso à leitura e interpretação do português antigo.

É sobretudo no âmbito da lexicologia que mais avulta o seu contributo para o estudo da história da língua portuguesa.

Numa perspectiva abreviada e simplificada dessa abundante produção, e deixando de lado um ou outro breve estudo de fonética histórica e sobre o infinitivo, poderemos distinguir, como vectores preponderantes da sua obra linguística: o reconhecimento e a interpretação do léxico histórico; os estudos etimológicos; e a reflexão sobre a ortografia.

Em relação à ortografia, o mais importante da sua obra foi certamente a participação interveniente na Comissão da Reforma Ortográfica. Contribuiu de forma explícita para o estabelecimento da “ortografia simplificada”, convergindo amplamente com Gonçalves Viana, e fundamentando a sua opinião nas razões mais cientificamente validadas. A simplificação, modernização e uniformização da escrita considerava-as, Carolina Michaëlis, num texto que vale a pena relembrar, convenientes e urgentes, “tanto sob o aspecto científico, como sob o estético e sobretudo pedagógico”.

“Num país (escrevia ela) atrasadíssimo quanto à instrução e educação, em que quatro milhões estão à espera dos benefícios da luz espiritual, o que importa é facilitar o ensino da leitura e escrita; acabar com todas as complicações desnecessárias; eliminar todos os artifícios eruditos: abreviar a aprendizagem, de sorte que os mestre-escolas ganhem tempo para realmente fertilizarem as almas com noções sólidas de saber e com as boas doutrinas cívicas da solidariedade social, do pacifismo e do altruísmo.” (*Lições de Filologia*, Lisboa, Dinalivro (1977), p.101)

O reconhecimento e estudo do léxico pode exemplarmente aferir-se pelo *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. Podemos dizer que foi uma espécie de dicionário do português medieval, ultrapassando e corrigindo o artesanal *Elucidário* de Viterbo na identificação e explicação das formas e do sentido, e sobretudo na sua utilidade para a interpretação do *Cancioneiro da Ajuda* e de todo o património textual da idade média.

Foi uma obra publicada autonomamente, depois da edição do *Cancioneiro*, como separata da *Revista Lusitana*, XXIII, em 1922. Felizmente, na recente reprodução fac-símil (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990) foi anexado no final do I. vol. e encontra-se agora facilmente acessível e ainda mais disponível para ajudar à leitura do texto medieval.

O estudo e esclarecimento do léxico não se limita, na obra de Carolina Michaëlis, ao *Glossário do Cancioneiro*. Em todos os seus textos são esperáveis informações novas, notas originais e inéditas, e por vezes, como diz Ivo Castro, “nos recantos mais inesperados, no rodapé de livros dedicados a temas diversos, por exemplo. Resulta daqui uma ameaça letal e permanente: quem julgar ter feito

uma descoberta, ou achado uma explicação, não deverá ficar descansado sem percorrer primeiro, e de lupa, todos os escritos de D. Carolina” (*Cancioneiro da Ajuda*, reimpressão da ed. de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, (Halle 1904), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, prefácio de Ivo Castro)

Nos estudos etimológicos se revela sobretudo Carolina Michaëlis de Vasconcelos como grande cientista da linguística histórica. Trata-se de um domínio que estava então em pleno florescimento entre os romanistas alemães e que, muito de outro modo, sofria entre nós de uma confrangedora inércia. É bem esclarecedor, a este respeito, o testemunho de Paiva Boléo. Segundo a opinião do saudoso mestre, que foi, por sua vez discípulo de D. Carolina:

“A maior fraqueza dos nossos filólogos do século XIX reside no campo etimológico. Se estão certas muitas etimologias que apresentam, a grande maioria está errada. Só se sabia praticar uma linguística empírica, a qual se contentava geralmente com meras e fortuitas semelhanças de sons, ou com certas aproximações de sentido, por vezes bastante forçadas. Não se procurava conhecer as palavras equivalentes dos outros idiomas da mesma família e as formas antigas do vocábulo, dentro do idioma estudado, para se ver melhor o parentesco entre as diversas línguas e poder-se mais facilmente descobrir o étimo.

O nosso atraso nesse aspecto ressalta de modo flagrante se compararmos a obra de Leoni, que data de 1858, com os dois cursos que o linguista alemão Max Müller fez no Instituto Real da Grã-Bretanha em 1861 e 1863, e especialmente com a lição intitulada “Dos princípios da etimologia”, a qual, depois das obras de Bopp, Grimm, Pott e Diez marca uma data, como obra expositiva, na história da investigação [p. 42 / 648] etimológica, independentemente das reservas que hoje há que fazer a algumas das suas etimologias.” p.42/648, *Adolfo Coelho e a filologia portuguesa e alemã no século XIX*, Coimbra, 1948, Sep. *Biblos*, vol XXIII, 1948.

Deve esclarecer-se que os estudos comparatistas, que tinham preenchido já a primeira metade do século na Alemanha, vão desenvolver-se em França e também nos outros países latinos, em Itália e na Espanha, apenas na segunda metade do século XIX, altura em que começa uma verdadeira proliferação de revistas filológicas marcadas pelo comparatismo pelo positivismo (que atingiu o seu auge pelos anos de 1880 – Charles Darwin (1809-1882)), tais como a *Revue de linguistique e de philologie comparée*, (1867); a revista *Romania*, (1872), que seria dirigida por Gaston Paris, o *Archivio Glottologico Italiano* (1873) onde colaborou Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907),

Entretanto, e retomamos aqui um texto de homenagem de W. Meyer-Lübke: “D. Carolina Michaëlis possuía tôdas as qualidades indispensáveis no etimólogo: o conhecimento exacto das formas do vocabulário antigo, saber em que poucos a

igualavam; finíssimo tacto para as mutações de significação; perfeita compreensão das evoluções sónicas; conhecimento suficiente das outras línguas românicas, para poder analisar qualquer palavra da Península Ibérica, sob o ponto de vista geral e sem erro na escala das comparações”(p.21) (W. Meyer-Lübke, “Carolina Michaëlis e a Filologia Românica”, *Lusitânia*, vol.IV, X, out. 1927, 17-25).

Efectivamente D. Carolina reunia de modo absolutamente impar, três condições soberanas para a especulação etimológica:

Primeiro, conhecia os fundamentos teóricos da romanística do seu tempo e dominava os métodos da comparatística.

Segundo, dispunha de excepcional preparação poliglota, potenciando as virtualidades do método. Além dos idiomas germânicos e eslavos, Dona Carolina falava as línguas românicas, dominava o latim e o grego, e conhecia o hebraico, o árabe e o sânscrito. Quem, no horizonte português e mesmo estrangeiro se lhe poderia igualar?

Terceiro, beneficiava de um assíduo convívio e de uma recorrida leitura do texto antigo português. Parecia saber mais palavras do que ninguém e para todas encontrava documentação e atestações.

Wilhelm Meyer-Lubke (1861-1936), o mais destacado de todos os autores da ciência etimológica românica (*Romanisches etymologisches Wörterbuch* 1911 (3ª. ed. ampliada e retocada 1935), aprecia as etimologias da nossa autora nestes termos:

“Examinando as obras de D. Carolina Michaelis, é-nos dado afirmar que é notavelmente grande a parte que nelas se pode considerar como pecúlio fundamental e basilar para a ciência, e que o número de interpretações erróneas é bem resumido em relação à vastidão do trabalho. Este resultado é devido às qualidades a que já me referi: a forma cuidadosíssima, e conscienciosa em extremo, com que trabalhava; à sua profunda ciência; à sua intuição etimológica, que quasi espontaneamente lhe indicava a solução verdadeira. Sobre tudo, porém, à sua modestia científica.” (p.21) (W. Meyer-Lübke, “Carolina Michaëlis e a Filologia Românica” in *Lusitânia*, vol.IV, X, outubro, 1927, p.17-25).

Para além da ciência, do rigor, da “ausência de divagações retóricas”, a obra de D. Carolina é marcada por uma sabedoria sensata e por uma simplicidade bem humorada. Sirvam de exemplo umas “Trovas etimológicas” a respeito de “Piegas – Caturra – Cábula – Caloiro”. Termina o texto com a seguinte nota:

“Quem souber pôr em lugar do meu *Pio-Egas*, do *Catão-caturra*; do *Rábula-Cábula*; e do *Calv-orio* étimos melhores, que os apresente e terá os aplausos sinceros de Carolina Michaëlis de Vasconcelos”. “Trovas etimológicas” a respeito de

“Piegas – Caturra – Cábula – Caloiro”. Porto, Tip. Sequeira, 1918 (Sep. da *Revista Lusitana*, vol. XX)

Nota final – continuamos a desmerecer a memória e a lição de Dona Carolina. A melhor prova do nosso desmerecimento pode observar-se no percurso editorial da própria obra de Carolina Michaëlis que se encontra ainda hoje em parte inacessível e mal tratada. Se exceptuarmos as edições facsimiladas de Sá de Miranda e do *Cancioneiro da Ajuda*. O conjunto dos seus estudos avulsos, espalhados por várias publicações, foram parcial e descuidadamente editados em dois volumes de *Dispersos*, I. “Varia”, (1969, 2ª. ed..?) e II. “Linguística”(1959). Foi publicado um terceiro volume com as *Lições de Filologia Portuguesa*, que apareceu no mercado em 1977 numa edição quase clandestina, em que o único nome citado entre os responsáveis da apresentação é o do autor da capa (Vitorino C. Martins).

Os editores reproduzem sem notícia nem explicação o texto publicado entre 1944 e 1946 na *Revista Portugal*. Já então publicado com alguma ligeireza filológica, em estilo de folhetim, muito ao modo da *Revista de Portugal*, não obstante o louvável serviço prestado à língua e à cultura portuguesa por esta publicação e o incontestável mérito desta iniciativa que nos permite continuar a aproveitar a lição da nossa Mestra.

Telmo Verdelho
(Universidade de Aveiro)